

MEMORIAL DO CONVENTO, de José Saramago



CLASSIFICAÇÃO DO ROMANCE

➤ **Romance histórico**

- pela detalhada descrição da sociedade portuguesa do início do séc. XVIII, marcada pela sumptuosidade da corte, associada à Inquisição;
- pela exploração do operariado na construção do Convento de Mafra;
- pela referência à guerra da sucessão;
- pelo projeto de construção da passarola do Pe. Bartolomeu de Gusmão.

➤ **Romance social**

- por apresentar uma crónica de costumes, onde o autor se mostra preocupado com a realidade social, numa tentativa de encontrar uma explicação para o presente, através do exemplo do passado, sendo, nessa linha, um romance de intervenção.

➤ **Romance de espaço**

- por representar uma época, onde transparece não só o ambiente histórico, mas também vários quadros sociais, reconstruindo vários locais da cidade de Lisboa, o palácio do rei, a vila de Mafra e povoações envolventes.

ESTRUTURA DA OBRA

- Presença de **três linhas condutoras da ação:**

➡ **a construção do Convento de Mafra** – ocupa grande parte da ação, incluindo a escolha do local (Mafra) por D. João V; o lançamento da primeira pedra, em 1717; a construção propriamente dita do monumento, destacando-se o recrutamento forçado de trabalhadores do povo, bem como os seus sofrimentos, o trabalho árduo e até a morte; a sagração da Basílica, em 22 de outubro de 1730.

➡ **a construção e o voo da passarola** - narrativa encaixada, por ser paralela à da construção do convento; a passarola é desenhada e arquitetada pelo Padre Bartolomeu de Gusmão, mas construída por Baltasar e Blimunda.

➡ **a relação entre Blimunda e Baltasar** – relação amorosa sem amarras sociais, retrata o amor verdadeiro entre um homem maneta e uma mulher com o dom de ver por dentro das coisas.

- Baltasar é a personagem comum aos três planos.
- O romance é dividido em 25 capítulos ou partes, não numerados.
- Coexistem vários conflitos, que vão mostrando a realidade e os problemas do ser humano.
- Denúncia de situações de repressão e injustiça, que nos levam a repensar a História.

CATEGORIAS DO TEXTO NARRATIVO

➤ Ação

- a história da construção do convento de Mafra;
- a intriga amorosa vivida entre Blimunda e Baltasar;
- a construção da passarola voadora do padre Bartolomeu de Gusmão.

A ação principal é a história do convento, onde se reinventa história e ficção.

A ação que envolve Blimunda e Baltasar estabelece o fio condutor da intriga.

Ambas vão surgindo em fragmentos ou sequências narrativas que se reconstituem por encaixes vários.

➤ Narrador

- genericamente **heterodiegético**, e **omnisciente**, identifica-se com o próprio autor, ao assumir uma voz crítica intemporal.

É uma voz (ou vozes) que descreve e desconstrói as situações; que dialoga com o narratário; que manuseia as personagens da história ; que domina os conhecimentos da História ou que ironiza.

Trata-se de uma voz que controla a ação, as motivações e pensamentos das personagens, fazendo, a par e passo, juízos valorativos e reflexões.

Assume uma **focalização interna** ao mostrar os acontecimentos através do ponto de vista das personagens.

CATEGORIAS DO TEXTO NARRATIVO

➤ Espaço

Lisboa e Maфра são os espaços físicos e sociais privilegiados. Predominam as referências aos **espaços exteriores** - são as ruas imundas da cidade setecentista, o Tejo, os caminhos que convergem em Maфра.

- Outras referências - Jerez de los Caballeros, Olivença, Alentejo, Coimbra, Holanda, Áustria, por exemplo.

Na descrição dos **espaços interiores** contrasta fortemente o esplendor barroco das igrejas e palácios e a pobreza das casas do povo, nomeadamente os barracões da “ilha da Madeira”.

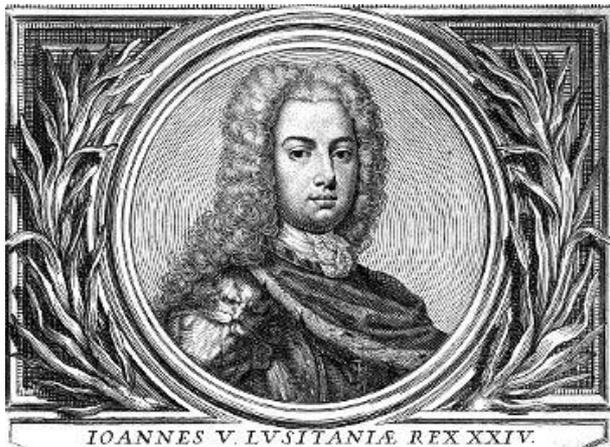
➤ Tempo

-**Tempo histórico**: início do século XVIII, reinado de D. João V, época caracterizada pelo absolutismo político e pela ação repressiva da Inquisição.

-**Tempo da narrativa**: a ação decorre entre 1711 e 1739, ao longo de 28 anos. Há um aparente desprezo pelo tempo cronológico, dado que para o autor história é ficção.

-**Tempo do discurso**: o romance refere-se à passagem do tempo dentro da narrativa, indicando dias, meses e anos – Ex: “agosto acabou, setembro vai a meio.” O narrador recorre a analepses, prolepses, elipses e resumos, que vão variando o ritmo do discurso e da narração.

PERSONAGENS INTERVENIENTES



D. João V - é-nos apresentado como um rei megalómano, devasso, ignorante, que não hesita em utilizar o povo, o seu dinheiro e posição social para satisfazer os seus caprichos. Receoso do poder da Inquisição, submete-se à sua influência. O seu casamento com D. Maria Josefa é uma aparência, tendo-lhe sido imposta como o cumprimento de um dever de Estado, com vista à procriação. Amante das artes e da música, torna-se um mecenas destas expressões artísticas.

Padre Bartolomeu de Gusmão

Homem muito interessado por questões científicas e experiências aerostáticas, tenta, com o apoio do rei D. João V, realizar a construção da passarola voadora.

Sonhador e muito culto, este padre afasta-se, muitas vezes, dos preceitos da igreja católica, o que o tornou um alvo da Inquisição.



PERSONAGENS INTERVENIENTES

Baltasar Mateus, de alcunha Sete-Sóis - soldado, ao serviço de sua majestade, combate na Guerra da Sucessão contra os castelhanos, tendo perdido a mão esquerda (substituída por um gancho). Chega a Lisboa como pedinte. Conhece Blimunda, com quem vai partilhar a sua vida.



Participa ativamente na construção da passarola voadora. Foi alcunhado de Sete-Sóis, pelo padre, pela sua capacidade de ver às claras.

www.google.pt

Blimunda Sete Luas - filha de Sebastiana Maria de Jesus, condenada e degredada pela Inquisição, por ser cristã-nova.

Tem capacidades de vidente, conseguindo ver o interior dos corpos. O seu poder permite-lhe curar e criar, vendo no mundo as verdades mais profundas que o sustentam. Conhece Baltasar num auto de fé, tendo-lhe sido apresentada pelo padre Bartolomeu. Partilha com ele a sua vida e os seus projetos.

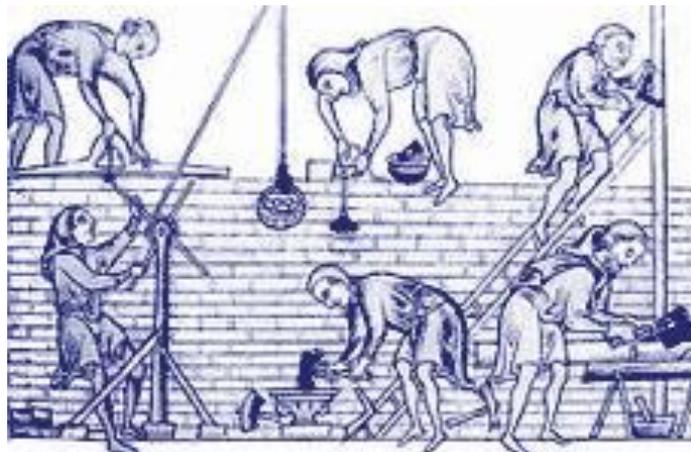
Profª Luzia Carapeto

OUTRAS PERSONAGENS



Domenico Scarlatti – músico italiano contratado por D. João V como mestre de capela e professor de piano da infanta Maria Bárbara. Amigo e confidente do Padre. Partilham os mesmos sonhos e ideais.

O Povo - O verdadeiro herói desta história. É transversal a todo o romance. Encontra-se definido pelo seu trabalho, pela miséria e pelos sacrifícios e algumas mortes na construção do Convento.



www.google.pt

OUTRAS PERSONAGENS

• **D. Maria Ana Josefa**, a rainha, é mostrada aos leitores como uma mulher submissa à vontade de procriação do rei, a quem respeita e obedece. Vinda da Áustria, envereda por uma vida de devoção, frequentando igrejas e confrarias, sufocada pelo peso da religião e do dever. Infeliz, vive com sentimentos de culpa e de frustração.



• **D. Maria Bárbara**, “gorducha” e “bexigosa”, é a Infanta por cujo nascimento o rei manda construir o convento de Mafra. Casa com Fernando VI de Espanha.

Relação Baltasar/Blimunda

Baltasar e **Blimunda** transgridem os códigos morais, inaugurando um espaço redentor dentro do romance. O seu amor é total, místico e transcendente, sendo descrito com rara emoção erótica. Partilham sonhos e projetos comuns. Etapas desta intriga:

- **Conhecem-se num auto de fé**, aquando da condenação da mãe de Blimunda (Sebastiana Maria de Jesus, acusada de feitiçaria). É o padre Bartolomeu quem os casa, segundo um ritual mais profano que sagrado. (cap. V)
- Blimunda revela a Baltasar que tem a **capacidade de, em jejum, ver as pessoas por dentro**, e promete que tal nunca fará ao seu homem. (cap. VIII)
- O Padre convida Baltasar e Blimunda **a trabalharem no seu projeto de construção da passarola**. (cap. IX)
- Quando Bartolomeu parte para a Holanda,, instalando-se em casa dos pais de Baltasar. (cap. X) **o casal vai para Mafra**
- **Baltasar pede a Blimunda** que, se ele morrer primeiro, veja a sua vontade. (cap. XII)
- **Blimunda recolhe as 2000 vontades**, durante a peste, **adoece e é curada pela música de Scarlatti**. (cap. XV)
- Baltasar, Blimunda e Bartolomeu **voam na passarola** (cap. XVI)
- Baltasar e Blimunda **vão ao Monte Junto** ver a passarola (cap. XX)
- **A última noite de amor**. (cap. XXIII)
- **Blimunda procura Baltasar durante nove anos**, reencontrando-o num auto de fé . **Recolhe a sua vontade**.

A LINGUAGEM E O ESTILO

➤ **Transgressão das regras de pontuação**, com o objetivo de favorecer a pluralidade de vozes oralizantes que habitam a narrativa.

➤ **Combinação de construções e ritmos da tradição literária com a linguagem coloquial**, o uso frequente da ironia e o recurso sistemático a provérbios e ditados populares, muitas vezes reinventados.

➤ **A estrutura sintática infringe intencionalmente a norma**, prestando-se a leituras que alternam o discurso escrito com o oral ou com o discurso monologado.

➤ **Riqueza da linguagem** resultante da transgressão ou capacidade de reinventar a escrita, dando-lhe um tom de crónica histórica, quer no género, quer no sentido de quem conversa, com recurso à **voz do seu autor**, despertando e provocando o leitor.

➤ **Extensão** das frases e dos períodos, com recurso à coordenação e à subordinação.

A LINGUAGEM E O ESTILO

➤ **Abundantes recursos expressivos** - metáforas, sinestésias, antíteses, ironia, hipérbato, enumeração, personificação, antítese e paradoxo, anáfora, construção paralelística, jogos de palavras, adjetivação, tempos verbais combinados, ...

➤ Utilização de **vários registos de língua**, do cuidado ao popular

➤ Utilização do **discurso indireto, direto, indireto livre e monólogo interior**.

➤ Descrição pormenorizada, com abundantes **notações sensoriais**.

Intertextualidade pela citação ou reinvenção de autores como Camões ou Pessoa, habitualmente ao serviço de uma intenção crítica ou irónica.

➤ **Ritmo** cadenciado como na construção poética.

A CRÍTICA

- Grande sátira ao Portugal da 1ª metade do séc. XVIII, época de luzes e de sombras.
- Denúncia do passado para melhor compreender o presente.
- Crítica irónica e sarcástica à opulência do rei e da corte, em oposição à miséria do povo.
- Sátira aos costumes, nomeadamente ao adultério, à falta de moralidade e hipocrisia do clero.
- Vivo repúdio pela atuação da Inquisição.
- Crítica ao comportamento do povo que assiste e aplaude os autos de fé.
- Crítica dirigida ao sonho megalómano de um rei que sonhou imortalizar-se à custa do sacrifício e trabalho quase escravo morte de todo um povo.

DIMENSÃO SIMBÓLICA

- O romance é uma alegoria, porquanto a vida humana é construção.
- O romance aponta para a utopia, apontando para a construção de um mundo justo e sem desigualdades sociais. O espaço da utopia é a vontade dos homens, já que é pela sua vontade que se alargam os limites da realidade, da lógica, da racionalidade, os limites do possível.
- O sonho acalenta a vida do Homem, sendo o querer a força primordial.
- Baltasar, Blimunda e o Padre constituem-se como uma nova Santíssima Trindade , mas uma trindade terrestre, cuja capacidade criadora permite a concretização de um sonho - a construção da passarola.

“e Baltasar gritou, Conseguimos, abraçou-se a Blimunda e desatou a chorar, parecia uma criança, um soldado que andou na guerra, que nos Pegões matou um homem com o seu espigão, e agora soluça de felicidade abraçado a Blimunda, que lhe beija a cara suja, então, então. O padre veio para eles e abraçou-se também, subitamente perturbado por uma analogia, assim dissera o italiano, Deus ele próprio, Baltasar seu filho, Blimunda o Espírito Santo, e estavam os três no céu.” (cap. XVI)

Referências bibliográficas

SARAMAGO, José - **Memorial do Convento**, ^a ed. Lisboa: Ed. Caminho, ano. ISBN

ROCHA, Marina; revisão científica CORTEZ, António Carlos e ASSUNÇÃO, Carlos – **Preparar o Exame Nacional Português 12º ano**, 1ª ed. Lisboa: Texto Editores, Lda, 2014. ISBN 978-972-47-4852-8